

DE GATAS ESCALDADAS E NINJAS ABORRECIDAS

ABOUT SCALDED CATS AND ANNOYING NINJAS

Gianfranco Marchi¹

RESUMO

Esta análise aborda os aspectos negativos de dois filmes de super-heroínas realizados antes da hegemonia dos Estúdios Marvel. Aponta o sexismo das duas produções, que focam demasiadamente nos aspectos visuais e não no conteúdo. O objetivo é criticar o fato de que, apesar dos orçamentos pomposos, o resultado final é fraco, muito longe das raízes das histórias em quadrinhos das personagens Mulher-gato e Elektra.

Palavras-Chave: Negativo. Feminino. Super-herói. Marvel. Sexismo. Produções. Orçamentos.

ABSTRACT

This review addresses the negative aspects of two female superhero films made before the hegemony of Marvel Studios. It points out the sexism of both productions, focusing too much on visual aspects rather than content. It's our aim to criticize the fact that despite the pompous budgets, the end result is

weak, a far cry from Catwoman and Elektra's character comic books roots.

Keywords: Negative. Female. Superhero. Marvel. Sexism. Productions. Budgets.

Não há como dizer isso de maneira menos ríspida: Mulher-gato (CATWOMAN, 2004) é o pior filme de super-heróis já realizado. Na verdade deve entrar na lista como uma das superproduções hollywoodianas mais mequetrefes de todos os tempos, tendo causado à Halle Berry o constrangimento de ganhar um Framboesa de Ouro de “pior atriz”, pouco tempo depois de sua aclamada atuação em “A Última Ceia” (MONSTER'S BALL, 2001), que lhe rendeu o Oscar de melhor atuação feminina.

Mulher-gato, o filme, não retrata a sagaz anti-heroína dos quadrinhos da DC, ou do segundo filme da franquia do homem-morcego, dirigida por Tim Burton. Nem mesmo se compara ao charme assumidamente camp da personagem na série sessentista, interpretada por Julie Newmar e Eartha Kitt). Nas mãos do francês Pitof (diretor até então com trabalhos apenas em efeitos visuais), “Mulher-gato” é um novo tipo de felino: feio e deslocado.

¹ Bacharel em Direito pela UFRN. Funcionário Público Estadual (TJ-RN). Membro do Cineclubes Natal e ACCIRN (Associação de Críticos de Cinema do Rio Grande do Norte). Cinéfilo inveterado, editou, escreveu e colaborou em diversos livros sobre cinema: Cenas Brasileiras (EDUFRN, 2009), 80 Cult Movies Essenciais (EDUFRN, 2010) e Sessão Dupla (EDURN, 2016).

Sem qualquer ligação com a mitologia da personagem, seja dos quadrinhos ou cinema, esta encarnação tem mais em comum com a história de origem retratada no excelente filme “O Corvo”, qual seja, pessoa inocente morre injustamente e, por força de uma entidade mística, volta à vida com poderes sobrenaturais para executar sua vingança.

Há de se dizer que a pobre Halle Berry fez tudo o que pôde para incrementar a massa disforme do roteiro. Entretanto, não obstante sua inegável presença de cena e admirável entrega à proposta ridícula da personagem, o filme falha miseravelmente em atingir qualquer alvo que a se propõe: seja na ação, na sensualidade ou na comédia-pastelão.

Patience Phillips testa, como seu próprio nome sugere, a paciência do espectador desde sua introdução. Mulher insossa e apagada, funcionária de uma grande empresa de cosméticos, ao descobrir os efeitos colaterais fatais da mais nova linha de produtos de rejuvenescimento, finda assassinada por seus patrões vilanescos que, obviamente, querem esconder o terrível segredo do público.

Ressuscitada pelo bafo de um gato animado em CGI de quinta categoria, Patience descobre suas novas habilidades felinas, que incluem sentidos aguçados, agilidade sobre-humana e... beber leite. De um pires. Sim. Mulher-gato deve ser o único filme da longa história do cinema que conta com uma ganhadora do Oscar bebendo leite de quatro e sibilando para cachorros na rua.

Depois dessas descobertas, inclusive quanto a totalmente inventada história por trás do tal gato egípcio e sua ligação com as muitas mulheres-gato da história da humanidade, Patience Philips decide costurar uma roupinha sumária de couro (à altura do mau gosto da produção) e sai por uma Nova

York vazia e plasticizada para cometer furtos (afinal ela é uma gatuna, entendeu?) e ocasionalmente lutar contra “injustiças”, inclusive dos ex-patrões, tragicamente vividos por Lambert Wilson e Sharon Stone, que certamente estavam precisando da grana desse filme para pagar a hipoteca de alguma de suas mansões.

Afora todos os erros já apontados (esperem que tem mais), certamente o maior problema do filme é sua trama totalmente desprovida de lógica acerca dos vilões empresariais que inventam o tal creme fatal, que corrompe a pele humana com o uso contínuo. Por algum motivo nunca explicado no longa, o efeito do tal produto na cútis da personagem de Sharon Stone é deixá-la mais forte que o aço. Tudo no longa é apenas um pretexto para explorar a beleza antagônica e sexualidade das duas atrizes, que culmina num constrangedor duelo final, com ângulos de câmera vulgares e direito até a evidentes dublês masculinos, enfatizando o claro tom sexista e fetichista da produção.

Claro que é interessante tentar novas abordagens de personagens icônicos, especialmente em se tratando de uma que debutou nos quadrinhos há mais de sessenta anos. Na verdade, uma releitura inventiva da Mulher-gato que mantivesse algumas de suas características básicas poderia ter funcionado, em especial se incluísse uma discussão sobre diversidade racial e sexual, considerando a etnia de Halle Berry e os acenos à fluidez sexual de Patience Philips.

Mas infelizmente o produto final é um filme absolutamente vazio de substância, descartável, que beira o total ridículo. Não há qualquer linha narrativa, apenas desculpas para amontoar cenas de ação de uma personagem renderizada em CGI que parece de borracha,

sem nenhuma sensação de peso ao pular de um prédio para outro. Há diversos jogos de Playstation 2 com modelos digitais mais convincentes, inclusive. O uso excessivo do CGI se dá até mesmo em cenas totalmente desnecessárias, como numa visão panorâmica de Nova York (ainda bem que Gotham foi poupada), alienando o espectador de qualquer sensação de imersão na estória que Pitof quis contar.

Por fim, na falta de Batman – graças a Deus – a forçada subtrama romântica com o personagem de Benjamin Bratt, o policial bonzinho, se mostra totalmente irrelevante e desinteressante, dada a evidente falta de química entre os atores, que parecem querer rir de embaraço a cada cena mais picante.

Talvez a única contribuição relevante de Mulher-gato ao cinema é o fato de que muito dificilmente uma produção posterior envolvendo super-heróis de quadrinhos seja tão dolorosamente ruim e desconectada de sua fonte original. Bom, talvez Elektra (ELEKTRA, 2005), com Jennifer Garner.

E por falar em Elektra, lançado apenas um ano depois de Mulher-gato, também com a proposta de ser um filme de super-heroína spin off de franquias principais, enfatizamos que a idiotice Hollywoodiana conseguiu, mais uma vez, destruir totalmente outra querida personagem dos quadrinhos, desta vez da Casa das Ideias, a Marvel.

Há de se reconhecer que Elektra é apenas um pouco melhor do que o famigerado Mulher-gato. Mas pouco mesmo e isso não é necessariamente um elogio. Feito numa era em que nem se sonhava com o padrão de filmes imposto pelos Estúdios Marvel com o lançamento de Homem de Ferro, em 2008, Elektra foi concebido para ser apenas um produto caça-níquel derivado do filme Demolidor, o Homem sem Medo, de 2003, que explorasse a beleza de Jennifer Garner e sua

popularidade decorrente de ter protagonizado a série Alias.

A recepção do longa-metragem do Demolidor, com Ben Affleck no papel titular, foi morna, tanto em termos de bilheteria quanto de crítica. Entretanto um de seus inegáveis destaques foi a sólida performance da atriz Jennifer Garner no papel da ninja vingativa Elektra Natchios, interesse romântico e eventual nêmesis do Demônio da Cozinha do Inferno.

Em tese, a ideia do filme spin off fazia todo sentido, tendo em conta a desenvoltura de Ganes nas cenas de ação e inegável carisma. O final cliffhanger de Demolidor, o Homem sem Medo já abria as portas para essa possibilidade, diante do desaparecimento do corpo da ninja ao final do longa.

Em Elektra, nos é porcamente explicado que a personagem foi ressuscitada pelo misterioso Stick (Terence Stamp). Fortemente treinada pelo sensei cego, descobrimos que ela desenvolveu poderes sobrenaturais, entre eles ter visões do futuro. Incapaz de domar seu desejo de vingança pela morte de seu pai, Elektra se desvia de seu destino de guerreira honrada e se torna uma renomada assassina de aluguel.

O filme inicia com Elektra envolta em sombras, perseguindo um homem fortemente protegido por seguranças no que parece ser um esconderijo. Ela se move furtivamente pelas vigas do teto do local e quando se revela por inteiro, está de costas. Então a assassina se vira em câmera lenta, nos dando a visão de seus longos cabelos castanhos balançando ao vento e de seus olhos marcantes pesadamente maquiados. Tudo é filmado como se fosse um comercial de shampoo para ninjas (“mate com estilo e mantenha seu cabelo hidratado”).

A abertura dá o tom de todo o filme: muito estilo sem substância alguma. Tudo é

filmado de modo que Jennifer Garner pareça mais uma modelo da Victoria's Secret do que uma mercenária mortal.

Após esses eventos iniciais, Elektra é contratada para assassinar o misterioso Mike (Goran Visnjic) e sua filha adolescente, Abby (Kirsten Prout). As coisas dão errado quando Elektra decide abandonar sua missão e passa a proteger a família, que lhe lembra de sua própria tragédia, com a morte de seu pai, trazendo para si a fúria de seus contratantes, um grupo de executivos asiáticos conhecidos como "O Tentáculo" e seus capangas superpoderosos, que incluem Tattoo, cujas tatuagens de animais ganham vida com efeitos visuais duvidosos, e a gótica Typhoid, que possui em seus lábios um veneno mortal (que, verdade seja dita, protagoniza um dos momentos mais interessantes do longa, o interlúdio lesbian chic entre a personagem e Elektra).

Os antagonistas, entretanto, servem apenas para levar a suposta trama adiante, inexistindo qualquer peso real em suas existências naquele universo. Se prestam apenas a aparecerem e adornarem plasticamente o longa, pretextos para uso de CGI e lutas obviamente coreografadas.

Até a primeira metade do ano 2000, adaptações cinematográficas de histórias em quadrinho não eram conhecidas pela profundidade de desenvolvimento de personagens ou plausibilidade. Elektra, certamente, não se desvia dessa regra. Muito embora suas limitações como filme de mero entretenimento sejam previsíveis e, até certo ponto, aceitáveis, a sua maior falha é a total ausência de senso de humor, vez que a produção se nega a abraçar e nutrir os aspectos cartunescos da protagonista e seus vilões, criando cenários risíveis quando a intenção era a de ser séria.

Tudo no filme é tratado de modo solene, como se o diretor achasse que está realmente apresentando alguma importante lição de vida, aspecto que torna o longa involuntariamente cômico e, eventualmente, muito chato. É uma pena, vez que Jennifer Garder possui um inegável timing para a comédia, já demonstrado em produções como o divertido *De Repente Trinta* (13 Going on 30, 2004) e na própria série *Alias*.

A atuação de Garner aqui é vazia de expressão. Ela sofre. Sempre, a todo tempo. Mas não diz absolutamente nada. Sua afeição maternal pela menina que agora protege não é explorada de modo satisfatório no longa, ou mesmo seus traumas passados. A produção diz ao espectador a todo momento que Elektra é humana e não apenas uma "máquina de matar", mas faz pouco em termos de desenvolvimento de personagem para nos convencer disso.

É difícil ver a ameaça que Elektra representa aos seus inimigos quando luta com eles como se estivesse posando para uma revista de moda, sempre com o cabelo e roupa (sumária) impecáveis enquanto o banho de sangue plástico se desenrola na tela. Essa falta de profundidade da personagem, em contraste com suas origens nos quadrinhos, faz com que todos os pontos positivos da produção se evaporem em estilosa fumaça, como próprios vilões do "Tentáculo" por ela enfrentados. Em suma, Elektra é bonitinha. Mas ordinária.

REFERÊNCIAS

CATWOMAN. Direção: Pitof. Produção: Denise Di Novi, Edward L. McDonnell. EUA: Warner Bros. Pictures, c2004. DVD (104 min).

MONSTER'S BALL, Direção: Marc Forster. Produção: Lee Daniels. EUA: Lionsgate Films, c2001. DVD (111 min).

ELEKTRA. Direção: Rob Bowman. Produção: Avi Arad, Gary Foster Arnon, Milchan. EUA: 20th Century Fox. c2005. DVD (96 min).

13 GOING ON 30. Direção: Gary Winick. Produção: Susan Arnold, Donna Arkoff Roth, Gina Matthews, Todd Garner. EUA: Columbia Pictures. c2004. DVD (97 min).